

DOI: <https://zenodo.org/records/14535785>

Editorial Volume 06, número 01, 2025

Prezados leitores,

Agradeço gentilmente ao editor da Revista Controladoria e Gestão, Prof. Alex F. B. Santana, o convite para este editorial. É uma honra, mas também um desafio.

A Contabilidade, como prática, existe já há alguns séculos. Desde as partidas dobradas de Luca Pacioli até hoje, houve grandes mudanças na sociedade e, portanto, na Contabilidade, que a transformaram em uma ciência fundamental para a gestão. Mas o mundo segue evoluindo.

As Ciências Contábeis são ciências sociais aplicadas; portanto, elas tanto afetam a realidade quanto são afetadas por ela. Então, é papel dos seus protagonistas acompanhar a evolução da sociedade e tanto propor interpretações (a Teoria) quanto soluções (a Tecnologia) para o mundo do qual faz parte. E, embora todas as épocas sejam tidas como de grandes mudanças (mesmo Lorde Francis Bacon, o pai do empirismo, achava o Século XVII um tempo de grandes mudanças), o papel do cientista social é entender e atuar sobre os desafios do presente e do seu futuro, pelo menos mais imediato. Mas quais são agora os mais evidentes? Quais merecem uma preocupação adicional? Cito cinco: Mudanças climáticas; Extremismo; Inteligência Artificial (IA); Novas formas de trabalho e Integração comunicacional (globalização?!?!).

As mudanças climáticas já são um consenso, atualmente. Algumas estimativas apontam que o nível do mar pode subir até 60 metros, até o final deste século, implicando a invasão de grandes áreas urbanas e rurais. Isso causaria, além do impacto nas populações, enormes custos sociais e privados, tanto na adaptação das cidades, quanto na produção de alimentos e outros produtos. Então, em uma lógica de contribuir com um mundo melhor, como a Contabilidade poderia ajudar a nos prepararmos para este quadro, ao mesmo tempo que buscamos evitá-lo? Podemos levantar os custos de adaptação? Ou, pior, como nas recentes enchentes no Rio Grande do Sul, estimar seu impacto? No caso concreto, próximo de 200 bilhões de reais.

O extremismo, de fundo religioso e político – segundo alguns historiadores, também estimulado pelo limiar da mudança de uma nova ordem mundial – tem criado custos sociais significativos e envenenado as comunidades nas quais vivemos. Como pode a contabilidade contribuir para melhorar as relações sociais, com informações que minimizem os efeitos (e as causas) do negacionismo e recuperem o debate para uma arena mais racional?

Do ponto de vista tecnológico, a ascensão da IA traz novos e inquietantes desafios. Ela pode vir para melhorar nossa produtividade e nos aliviar de tarefas mais rotineiras e exaustivas, liberando energia para atividades mais criativas e prazerosas. Mas como avaliar, onde, quando e como a IA pode contribuir e até substituir o ser humano? E, sob a ótica autoral, como ficarão as obras criadas? Na mesma linha, e no caso de delitos, como atribuir responsabilidade civil e

criminal? E, ainda, neste caso, como a Contabilidade poderá contribuir nesta avaliação, tanto para fins preventivos como corretivos?

No contexto social, as pessoas têm esperado, até exigido, novas formas de trabalho. Embora haja ainda um grande contingente de mão de obra sem trabalho, por outro lado muitas pessoas começam a exigir melhores e mais flexíveis formas de trabalho – a “uberização” do trabalho é um reflexo disso. Horários rígidos, tarefas rotineiras e monótonas, condições de trabalho desagradáveis são cada vez menos toleradas. E a possibilidade do *home office*, disparada pela Pandemia de Covid-19, descortinou um mundo de possibilidades. Some-se a isso a diminuição dos nascimentos, especialmente no Brasil, e começa a haver queixa da falta de mão de obra em vários setores. Uma coisa que pode instigar a contabilidade, por exemplo, é: quando o trabalho pode ou deve ser *home office*? Em que condições ele é vantajoso? Como, por exemplo, considerar os ativos e recursos desta forma de trabalho nas demonstrações? Qual a proporção entre presencial e remoto mais interessante para as organizações? Todas, perguntas que a contabilidade deverá se preocupar em responder.

Por fim, mas não menos importante, a grande integração comunicacional, envolvendo quase todo o Globo, embora as fronteiras ainda importem, tanto para a circulação de bens, como de pessoas. Mas traz questionamentos importantes. Como avaliar (e superar) as barreiras linguísticas e culturais? Como dimensionar adequadamente a distribuição de pessoas e demais recursos no mundo? Como compatibilizar horários, regiões, formas de trabalho? Como a contabilidade pode ajudar a medir e melhorar isso?

Essas, eu sei, não são provocações de fácil resposta. Talvez para algumas nem haja. Mas nós, pesquisadores e profissionais da Contabilidade temos a obrigação de fazê-las e tentar respondê-las. Faz parte do nosso compromisso social. Portanto, avante e ao infinito!

Dr. Carlos Alberto Diehl

Professor titular dos Programas de Pós-Graduação (PPGs) em Ciências Contábeis e Engenharia de Produção da Unisinos.

Doutor em Engenharia de Produção, com foco em Controle Estratégico.

Diehl tem quatro décadas de experiência profissional e 24 anos de docência. Com mais de 200 artigos publicados, o professor é autor de 10 livros. Conselheiro consultivo e consultor de empresas, ele é Conselheiro do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e Membro da Comissão Fiscal da Arena Porto Alegre (gestora do estádio do Grêmio).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2382-6070>